

A ESCRITURA DA PAIXÃO

Edilma Acioli Bomfim (UFAL)

A leitura do livro de Arriete Vilela - *Fantasia e Averso* - suscita a análise de duas observações consideradas básicas ao entendimento do enunciado e da enunciação do texto.

A primeira observação prende-se à problemática do erotismo e ao tratamento que a sexualidade e o prazer recebem na escrita.

A cultura ocidental de base judaico-cristã sempre relegou à sexualidade um papel pejorativo e marginal. Aos seres humanos nunca foi permitido o exercício de sua eroticidade e, conseqüentemente, manifestá-la é uma violência que escapa ao domínio do sagrado.

Curiosamente, em *Fantasia e Averso* há todo um périplo de andanças, idas e retornos em busca do amor libertado. A partida já é um instante de assédio ao amado, quando a narradora na primeira página do texto enfatiza:

A paixão é um dom e nos privilegia - e eu te amo porque tua alma é claricíclica e és paixão...(p.13).

Metáforas da interioridade, as imagens construídas ao longo do texto proliferam na escrita como um convite a respirar em uníssono com a autora. Assim, através de uma relação quase antropofágica, o amado é "devorado", desejado e presentificado pela palavra poética, representação e liberdade do prazer que se pretende revelado:

Amar-te é tocar na força viva do prazer, ferida majestosa feito gema amarela (p.31).

Arriete põe em xeque o que afinal no amor é legítimo ou ilegítimo, sagrado ou profano, denunciando que o erótico tem uma lógica própria que o rege. O desejo, a vontade, o prazer e o recato perdem os seus valores absolutos e passam a conviver numa mesma

dimensão, fundindo impressões e valores que norteiam, na narrativa, a concepção de desejo expressa no texto: a primazia do amor.

Enfim: eu só sei amar quando o meu coração singulariza o amor no meio de quaisquer outros sentimentos (p38).

O discurso amoroso nesse livro é, então, um exercício poético que impulsiona narrativa e narradora a uma verdade necessária à compreensão de si mesma como ser sexual, e da experiência erótica no seu sentido mais amplo, chegando a ser difícil determinar as fronteiras entre o desejo e a interdição, entre a procura e a falta, o profano e o sagrado:

Sabes que distorço passado e futuro para que apenas tu sejas incluído na breve história que sou, pois amar-te é cumular-me de úmidas carícias que flutuam no teu corpo de brilho suado (p.66).

A segunda questão que se observa na leitura de *Fantasia e Avesso* está ligada à relação da linguagem poética com o desejo, revelando que, nessa obra, ambos se representam. Com a originalidade desse discurso, a escritora transformou o próprio erotismo: a palavra amorosa é a representação e centro da ordem universal da sexualidade. A paixão pela palavra integra-a ao outro - o amado -, fazendo-se carne, preenchimento da falta, tentativa de completude, prazer e gozo, despojando-se do caráter de erotismo torturado.

A narradora visualiza um corpo e torna-o verbal, ou seja, a palavra deixa de significar e passa a ser o próprio objeto do desejo:

A palavra é carne selvagem e é bom prová-la nas garras bêbadas dos meus avessos. Teu corpo é palavra nunca decifrada, e é urgência - então te colho na teia da flor voraz, e a minha fantasia mergulha no teu cheiro secreto (p.66 - grifo meu).

As metáforas do amor, desejo e prazer eróticos fizeram aflorar os elementos da sexualidade reprimida, que encontra no poético sua forma de liberação: "a palavra é carne e o corpo é palavra". Com esse

jogo linguístico/erótico vemos que, na escritura, erotismo é fantasia, é palavra, é avesso, é o fio da meada que se rompe e se reconstrói a cada nova narrativa:

A palavra boiando dentro de mim, energizando a minha carne: borboleta amarela rondando a flor ardente, um grande salto dentro da noite (p.32).

Sendo a literatura um produto cultural, é fácil entendê-la como o lugar das grandes revelações, porque nela o desejo e os interditos-morais, sexuais, políticos, filosóficos, religiosos- sempre expuseram suas necessidades de revelação. Nesse sentido, a literatura é uma forma de representação metafórica do desejo, o que vem ratificar a proposta arrieteana de que a escrita é uma manifestação de um desejo, um preenchimento da falta e uma necessidade em si mesma.

Ao criar para si uma casa de palavras, a narradora-personagem de *Fantasia e Avesso* trabalha a linguagem voltada para si mesma (linguagem) como em um círculo de espelhos, o que faz com que o tema principal ou o sentido motivador do texto poético seja a própria poesia:

A palavra desfiando a teia lógica das coisas (p.31).

Eis a razão por que, em diversos momentos da narrativa, encontram-se definidas as concepções de amor e poesia que, repetidas vezes, se confundem no texto.

Nele, a palavra, representando o objeto substitutivo ou o objeto da falta, possui um lugar de destaque, não apenas pelo fato de ela se constituir em uma expressão da sexualidade, mas também por ser entendido o discurso amoroso, como "vôo de metáforas", - no dizer de Júlia Kristeva (1987) - fazendo de *Fantasia e Avesso* a representação textual dessa metáfora:

A palavra, amor: uma emoção toda exposta à claridade do sol (p.38).

Assim, a linguagem, representando o ausente, é considerada como uma realização erótica e, também por funcionar como meta-representação (representação da representação), estabelece, enquanto escrita amorosa, seus contornos e limites:

De novo a palavra: mergulho e fôlego, um desafio (p.19).

Sendo a palavra o sujeito e objeto do discurso, ela é o “desafio” que constrói a narrativa e, assim sendo, a narradora prepara, em nível da linguagem, a passagem de Eros em busca da sua outricidade que acontece na relação escritura/desejo.

Esse livro se constitui, portanto, em uma metáfora do desejo, já que toda a narrativa é um deslocamento do desejo para a palavra, visto que a palavra é em si mesma o próprio desejo manifesto:

A fantasia, amor. O avesso dos fatos, a realidade fibrosa, a palavra à espera (p.13).

Paulo Leminski (1987) afirma que “o poeta é aquele que deglute a palavra como objeto sexual mesmo, como objeto erótico”. Essa satisfação erótica que acontece na manifestação da palavra literária é claramente observada em toda a narrativa:

A palavra me seduz, é corpo bonito dançando sobre a minha pele de pêlos eriçados de paixão (p.54).

Leminski apresenta, ainda, importantes observações sobre a relação do poeta com a linguagem. Ele considera que poesia é sobretudo “paixão pela linguagem”, levando em consideração o seu caráter substantivo. Salienta a relação dúbia do poeta com a linguagem, o que ele chama de “transa apaixonada” e como tal apresenta duas faces antagônicas. Em um momento percebe-se entre o poeta e a linguagem uma relação masquista da segunda para com o primeiro, ou seja, a palavra exerce um controle, uma violência, um avessamento no inconsciente reprimido do artista, fazendo do poeta vítima da própria linguagem, como também acontece com a narradora e a palavra em *Fantasia e Avesso*:

A palavra, amor, é mais poderosa que a minha fantasia e mais cruel que os meus avessos (p.54).

Mais adiante, mantendo essa mesma relação de prisioneira da palavra, volta a enfatizar:

A palavra, pássaro tirano, lâmina afiada que sobrevive a si mesma (p.65).

Em outras circunstâncias, a relação se inverte. O poeta é sádico, é o algoz da palavra. É ele que a aprisiona, metamorfoseia e transgride os seus sentidos primeiros, acorrentando-a numa escritura. *Lacra a palavra* (p.60), diz a enamorada.

Face a essa dupla relação (prisioneira e algoz), a palavra tem, na narrativa, semelhantemente ao amor, momentos distintos na mesma efabulação:

A palavra às vezes é suave como uma flor noturna; às vezes me lanha e eu me contorço de dor e de desejo. Porque a minha paixão é impulsiva e tragicamente ardorosa (p.39).

Noto, ainda, no discurso, que Arriete constrói, estabelecendo a relação da palavra com o desejo, uma semelhança com a proposta de George Bataille (1987) a respeito do erotismo, no sentido de que, embora o erótico seja resultante de duas forças antagônicas - vida e morte - elas são complementares. É assim que acontece, na narrativa de Arriete, o jogo entre a palavra e o avesso, a fantasia e a palavra, o desejo e a escritura:

Mas estou sempre em duelo com a palavra. Por isso agora, amor, deixa-me estar quieta à sombra da eternidade (p.54).

Ao pretender se imortalizar através da obra literária - *deixa-me estar quieta à sombra da eternidade* - a narradora entende que o erótico, assim como a arte, não se propõe a eliminar a morte, mas a transcendê-la, como ratifica Bataille.

Assim, além da fala amorosa bastante explícita no texto, o diálogo entre narrador e narratva é, sem dúvida, um diálogo erótico.

Em *Fantasia e Averso* a escrita representa o desejo de, *a palavra asfixiando-se na palavra* (p.26), construir um discurso que pretende, pelo imaginário poético, reclamar pela falta (desejo) e promover a fusão com o outro (erotismo), rompendo pela palavra a descontinuidade biológica dos seres. Aprisionar ou fundir o desejo em uma escritura é uma forma crótica de relacionar-se com essa mesma escritura:

A palavra, amor: uma face não revelada, uma natureza desconhecida, uma exterioridade (p.44).

As metáforas contidas em *Fantasia e Averso* revelam o caráter mais profundo e contraditório do amor: a infinitude da sua realização. Essa infinitude é de realização crótica, cujo sentido está na aspiração poética.

Como a aspiração poética/crótica é imponderável, é palavra, é fantasia e é avesso, a sua realização última e plena é a mais controvertida aspiração do ser humano, incompatível com qualquer limite, condenado à sua própria infinitude. Assim, o discurso de Arriete tem a marca da falta, do desejo, da interdição, da marginalização, do fio perdido, mas, ao mesmo tempo retomado, conclusivo e inconclusivo, possibilidade e impossibilidade de representação crótica:

A palavra: magia e milagre, macio cetim no oco da minha alma (p.26).

O título do livro - *Fantasia e Averso* - e das dez narrativas que compõem a obra (o título se repete nos relatos numerados em romanos de I a X) jogam com essa noção de erotismo/palavra/escritura. O erotismo é, no imaginário da fantasia, uma representação simbolizada em palavras, razão porque, no texto, as dez narrativas que compõem o livro são, na verdade, um só texto, que se articula de tal forma que a história contada é uma só, sem princípio, meio ou fim, constituindo as dez narrativas em micro-relatos dentro de um maior.

O desejo metafórico que perpassa a narrativa é redistribuído em parcelas expressivas que constituem o conjunto das dez narrativas

crônicas que formam o livro. Por isso, cada narrativa (de I a X) é, em essência, uma parte, uma parcela metonímica da metáfora central.

Daí, a inexistência de nomes, rostos, espaços físico-geográficos ou episódios seqüenciados. Só existe a representação de um conteúdo imaginado a dois: o eu o tu, e, através do diálogo desses dois seres e da revelação, no discurso, da experiência erótica imaginada, é que se reconhece a unidade temática: uma proposta de amor: *Tu, amor: a força viva do prazer* (p.65).

Conclui-se então, que em *Fantasia e Avesso* Arriete inaugura, na sua escritura, uma prosa poética intimista mas, ao mesmo tempo, liberadora, fazendo desse texto uma narrativa contemporânea do discurso amoroso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
-----, *fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- BATAILLE, George. *O erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- KRISTEVA, Júlia. *No princípio era o amor: psicanálise e fê*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- , *Histórias de amor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- LEBRUM, Gérard. "Os conceitos da paixão". In: CARDOSO, Sérgio et alli. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- LEMINSKI, Paulo. "Poesia: a paixão da linguagem". In: CARDOSO, Sérgio et alli. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- PLATÃO. O banquete. In: -----, *Diálogos*. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Os Pensadores).
- VILELA, Arriete. *Fantasia e Avesso*. Maceió: Secretaria de Cultura/Sergasa, 1986.